

Germinal



N.º 14—ANO I
11 de Abril de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos
DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.
(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)
Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Peço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Agua mole...

Se o leitor fôr, como é provável, um português daquêlles a que se costuma chamar *de lei*, arriscamo-nos a passar aos seus olhos por um insupportável maçador, repisando um assunto debatido e com o qual, de mais a mais, todos estão de acordo. Mas é que nós sabemos que são exactamente as ideias com que toda a gente está de acordo, as que mais esperam para se porem em execução. Eis porque nós vimos, mais uma vez, que não será provavelmente a ultima, falar na necessidade dum entendimento entre todos os elementos chamados avançados, entre os que sofrem por verem o marasmo em que toda a propaganda e acção estão caindo. É possível que alguns camaradas se insurjam contra estas palavras, classificando-as de pessimistas e desanimadoras, entendendo que melhor seria falar-se de maneira diversa, mais optimista e animadora. Mas nós cremos que chegou um momento em que o maior perigo para as ideias que defendemos, o peor serviço que lhes podemos prestar é o de aparentar boas situações que não existem, força de que não dispomos, união que não está realisada, entusiasmo que só se manifesta pela sua esterilidade ou pouco menos.

Mais valem os inconvenientes que porventura contenha a exposição franca da verdadeira situação, do que os beneficios iluzorios que podem advir dum optimismo fun ado em palavras que não traduzem a verdade dos factos. Ha ocasiões em que convem aparentar forças que se não possuem; mas aquella em que nos encontramos reclama outra attitude, mais dolorosa e talvez mais corajosa: a de olharmos de frente para a situação e constatar que ela não é nada brilhante.

Mas é preciso reagirmos contra ela e para isso só ha um meio: procurarmos todos, com boa vontade, o traço de união que nos ligue, nos solidarise em face do perigo ou dos perigos comuns. Esse traço de união só pode estar numa acção bem determinada para se atingir um fim proximo, para a realisação de alguma coisa de concreto, de tangivel. Enquanto se pretender realisar essa união, apenas baseados na necessidade da propaganda de principios, manter-nos-emos em generalidades, na abstracção, na teoria, enquanto o povo, que pretendemos emancipar, continuará sem saber que fazer, embora sabendo de cór as nossas bonitas palavras sobre a Sociedade Futura, a Revolução Social, a Igualdade, a Justiça, e mais todas as outras belas coisas que lhe fornecemos em abundancia, com letra maiuscula.

A sociedade europeia vae entrar numa fase nova da sua existencia, diferente provavelmente daquilo que cada um pensa. Continuando como temos estado até agora, encontrar-nos-emos impotentes para tirarmos da situação futura o que ela possa conter de proveitoso para as nossas aspirações. Continuamos portanto, teimosos e maçadores, a dizer: *entendámo-nos!*

Vera Figner

Vimos num dos ultimos numeros da *Bataille Syndicaliste* a noticia de que Vera Figner, a illustre revolucionaria russa de cuja prisão nos ocupámos, foi restituída á liberdade.

Parece que fôra presa por um equivoco ou coisa semelhante, visto que o ministro do Interior da Russia tinha autorizado a sua entrada no paiz.

Folgamos que assim seja, o que permitirá a Vera Figner passar tranquilla o resto da vida... se as autoridades russas se não arrependem do gesto de agora.

Um inquerito

Os socialistas e a monarchia

Não pretendemos fazer campanha com os *documentos politicos*, contra o partido socialista; apenas quisemos apresentar a prova, que nesses *Documentos* e no que a proposito dêles disseram alguns social-democratas se contém, de que os socialistas tiveram ligações secretas com a monarchia; apenas nos temos dado ao trabalho de demonstrar não só que se deve ter por não escrito o fecho que o actual director do *Combate* pôs a certo inquerito sobre o que se dizia «contra certos homens mais em evidencia no partido socialista, mas tambem que a classe trabalhadora deve continuar com esse inquerito, a fim de saber como teem procedido alguns dos seus mentores, na tarefa de arrancarem do Estado beneficios para ela. Mais nada. Não logramos que os interessados nos prestassem atenção?

Paciencia. Nem por isso deixaremos de alinhar a conclusão, já prometida.

Entre correligionarios

A Comissão paroquial socialista de Monte Pedral e Beato, organisaada em março de 1912, referindo-se a certa excursão ao Seixal e Arrentela, escreve no seu relatorio agora vindo a publico:

«Temos a registar a falta de coadjuvação da imprensa partidaria, porque *A Republica Social* para publicar o anuncio desta excursão levou-nos a importancia de 1\$50. Regista-se».

Pois regista-se. Do conhecimento de tais virtudes só proveito podem tirar os trabalhadores.

Adelino Veiga

Alguns amigos e admiradores deste saudoso poeta operario, de Coimbra, pensam em publicar em volume os seus versos dispersos, que não fazem parte da *Lira do Trabalho* e da *Guitarra d'Alma Viva*.

Carta sobre as questões actuais

III

Para vós todas estas razões e tantas outras parecem insuficientes. Quereis saber pelo seguro se esta guerra vai ser *uma guerra libertadora?*

Pois bem, é *impossivel* responder a essa pergunta. Seria preciso primeiro saber de que lado e até que grau estará a victoria.

Sobretudo, seria preciso poder predizer até que ponto os partidos avançados de cada nação saberão aproveitar as mudanças internas que se realisam já durante a guerra, para daí fazerem o ponto de partida de mudanças sociais muito mais profundas. Alguns factos podem citar-se já. É certo que entre os aliados a guerra apaga até certo ponto a situação de classes quer nas trincheiras, quer nas mil coisas que se fazem para a vida interior da nação (abastecimento, serviços sanitarios, cozinhas comunistas, trabalhos sociais, etc.). A introdução do *maximo* dos preços (que em 1793 serviu em França de ponto de partida das ideias sobre a *nacionalisação do commercio*, e mais tarde do Fourierismo); a compra pelo Estado e sobretudo pelas comunas, do trigo e assucar (na Inglaterra, de toda a especie de provisões); a intrusão dos particulares no que era considerado função do Estado; na Russia, o papel dos estudantes em todas as funções da vida; a Federação das assembleias provinciais que, de acordo com a Federação das cidades, tomou a seu cargo completamente o imenso serviço dos feridos (contam-se já 750.000 enviados para Moscow), e que o faz pelo voluntariado bem melhor que o Estado; a Russia camponesa forçando o governo a abolir a venda da agua-ardente pelo estado, etc., tudo isto poderiam ser germens para o futuro, mas seria preciso poder predizer até que ponto estes germens poderão ser utilizados pelos partidos avançados para a *reconstrução social*.

Entretanto uma coisa é certa. Se a Alemanha triunfasse a guerra não seria certamente libertadora. Pelo contrario: trar-nos-ia novas formas

de escravidão. Os alemães também, não o ocultam: 'eles próprios declararam que começaram a guerra com fins de conquista. Reduzir a França por muito tempo, à impotência completa, apoderar-se-lhe das colónias, enriquecer à sua custa. Fazer o mesmo, tanto quanto possível, com a Inglaterra; reduzir a Rússia à impotência, isto é, construir por toda a parte, nas províncias de que se fossem apoderando, campos entrencheados semelhantes a Metz para ameaçar Petersburgo.

Chetres militares, políticos, oficiais e soldados todos estavam de acordo. E compreende-se o que seria da Europa se estas ambições se realizassem. Mas então impedir semelhantes triunfos, provocar na própria Alemanha, depois da sua derrota, um movimento libertador, desbaratar a Europa desta ameaça, não seria já bastante para dar à guerra um caracter libertador?

Ha mais. Ha pequenas nacionalidades que procuram conquistar a sua independencia. Entretanto esta questão é tão importante que a ela voltarei noutra occasião.

Em todo o caso o verdadeiro caracter da grandiosa luta actual está já sufficientemente determinado. Podemos aprender agora até onde podem chegar criaturas, não de toda brutas e não de toda más por natureza, se educadas, como os alemães, num culto do poder militar. Podemos já formular esta conclusão:

Nenhum desenvolvimento ulterior das tendencias, do ideal e dos costumes de liberdade, igualdade e fraternidade é possível na Europa, enquanto existir entre nós um Estado de setenta milhões de habitantes, no seio do qual os principios e os processos de banditismo militar são desenvolvidos na perfeição, se inculcam na escola e se sancionam pelo respeito quasi religioso de toda a nação, um Estado, cuja população, inclusivamente os seus melhores representantes e os seus partidos mais avançados, aprovam estes principios e estes processos e vê neles o *penhor do seu desenvolvimento ulterior*.

E' preciso que toda a nação alemã seja levada pelos proprios factos a compreender em que abismo de ruína e de enfraquecimento moral a mergulhou a sua civilização, inteiramente votada a fins de conquista.

Pedro Kropotkine.

Brighton, 4 de Outubro de 1914.

Horario de trabalho

Foi publicada na folha official de 31 de março uma portaria, prorogando o horario em vigor nas obras de construção civil do Estado em Lisboa até à regulamentação da lei n.º 296, sobre trabalho diario nos estabelecimentos industriaes, e mandando adoptar até então o mesmo horario nos demais serviços de obras publicas dependentes do ministerio do fomento.

Quando a bondade dos outros escede a minha, apresso-me a classificá-la de fraqueza.

P. Rosmilly.

NOTAS LIGEIRAS

Dois dias gasetas que li nestes ultimos dias falam amavelmente do *Fébo Montis*, um drama historico, em verso, de Bento Faria, jornalista libertario doutro tempo. Uma recomenda assim a peça:—quatro actos cheios de poesia e de patriotismo. A outra recomenda assim o autor: um verdadeiro artista, que é patriota na pura accepção do termo. Já sei. Temos obra para a função do proximo 1.º de Dezembro, podendo servir também de preservativo contra o «perigo espanhol». Bem haja o Bento Faria!

Anuncia-se que num proximo congresso será apresentado o boicote dos beligerantes, junto a um movimento insurreccional no velho e no novo continente, como meio eficaz de acabar com a actual guerra europea. Dando mesmo de barato que semelhante ideia entre em discussão, pela porta cauta da sessão secreta, podemos estar certos de que ela não logrará sair dos dominios da retorica brava para as realidades da vida.

A proposito da deserção de Rates, um camarada da velha guarda esteve um destes dias a indicar-me os propagandistas da anarquia, mais ou menos vera, que por falta de posses para mudarem de casaca, apenas teem virado essa vestimenta. A lista é interminavel. Aparecem nela Fulanos das mais diversas estaturas, mas todos da mesma familia das aguias.

O que parece demonstrar que eles vinham ao campo libertario tentar as azas para os seus vãos...

Qualquer.

O congresso de Tomar

Já não pode haver duvidas sobre a excelencia da acção dos sindicalistas no congresso operario de Tomar do ano passado, ás ordens do seu *leader* J. Carlos Rates, hoje de tenda armada no campo monarchico. Este *leader* acaba de pôr tudo em pratos limpos. Ora saboreiem:—«os congressos sindicalistas realizados em Lisboa em 1909 e 1911 definiram como objectivo da organização operaria, a abolição do patronato e do Estado como necessaria à emancipação integral dos trabalhadores»; e isto «não compete ao sindicalismo precisá-lo com clareza».—«O Congresso Nacional Operario realizado em Tomar, em março de 1914, corrigiu os erros dos congressos sindicalistas de 1909 e 1911, estabelecendo que o fim do sindicalismo não era outro senão o da conquista constante da melhoria da situação economica dos trabalhadores». Depois disto, ainda haverá bojo da banda de alguns para darem por paus e por pedras se se lhes repetir que quem venceu em Tomar foi a maioria socialista?

Depois disto ainda continuarão a protestar que não fizeram volte-face?

O Sindicalista

Depois de varias reuniões, onde se estudou a melhor forma de intensificar a propaganda sindicalista e de organização operaria por meio do reaparecimento do jornal *O Sindicalista*, ficou resolvido não iniciar por enquanto a sua publicação.

Fica esta adiada para quando as circunstancias se mostrarem mais favoraveis.

Accidentes no trabalho

V

Antes de haver a actual lei dos accidentes no trabalho, regulava esta materia apenas o codigo civil fazendo responsabilisar os patrões e as empresas industriaes pelos accidentes ocasionados por virtude de desleixo ou de culpa, por omissão de actos obrigatorios ou pela pratica de actos prohibidos. Não havia portanto responsabilidade nenhuma por parte dessas empresas ou desses patrões quando os accidentes se davam mercê do mero risco profissional.

Quer dizer: Um patrão tinha a sua officina, a sua fabrica, o seu estabelecimento muito bem montados, com todos os aparelhos em bom estado, com todas as possiveis condições de segurança. Sucedia um desastre: a manga duma blusa ficava presa em qualquer engrenagem e essa engrenagem levava a mão ou o braço a um operario; um tirante rebentava inesperadamente e mutilava outro. Não tinha esse patrão a menor responsabilidade, não era obrigado a dar a menor indemnisação aos operarios atingidos ou ás familias destes no caso de morte, produzida pelo acidente.

Um empreiteiro ou dono de uma obra em construção mandava erguer os andaimes com boas madeiras e com toda a segurança. Um dia, um dos pedreiros que ali trabalhavam tinha a infelicidade de colocar mal um pé, de se desequilibrar, de cair da altura de alguns metros e de fracturar uma perna ou de morrer. A nada ficava *legalmente* obrigado esse empreiteiro ou esse dono da obra. Se alguma coisa desse seria por... generosidade.

Na lei actual foi introduzido o principio do risco profissional. E assim, hoje já se não dá o caso acima apontado.

Quem tem numa officina, numa fabrica, num estabelecimento qualquer, no campo, em qualquer genero de trabalho, operarios ou trabalhadores ao seu serviço, já sabe que é *obrigado por lei* ao pagamento de maiores ou menores indemnisações a esses trabalhadores, quando sejam mutilados, ou ás suas familias quando eles morram e elas se encontrem em determinadas condições que a lei marca.

Ao lêr isto, ha de pensar quem da lei não tenha conhecimento, que ela deve ser muito bem feita e que os seus resultados devem ser esplendidos. Pensar-se-ha:

«Se a lei responsabilisa assim os proprietarios e industriaes pelo simples facto de o serem, se os obriga a pagar indemnisações áqueles que tem ao seu serviço e que soírem as simples e inevitaveis consequencias do risco, como não responsabilisará ella os patrões ou as empresas

que aos seus operarios não derem a necessaria e obrigatoria segurança no trabalho, os que por desleixo ou por espirito ganancioso e mesquinho favorecerem o risco, os que por incuria, por culpa, pela omissão de actos obrigatorios ou pela pratica de outros prohibidos, agravarem o perigo, aumentarem as probabilidades de accidentes?!

Era logico realmente que assim fosse. Mas não. O unico bom principio introduzido na lei foi o da responsabilidade pelo mero risco. Veremos brevemente as condições em que se encontra legislado.

Quanto á responsabilidade por desleixo e culpa... quanto a essa... a lei nada nos diz, guarda um prudente silencio...

Teremos occasião de saber porquê. A lei não tem relatório, é certo; a discussão parlamentar nada esclarece, mas o autor do projecto ilumina-nos, tira-nos por completo as duvidas, vem responder aos nossos pontos de interrogação.

E' o que ficaremos sabendo quando chegarmos á conferencia que a respeito do caso do gaz, fez o sr. dr. Estevam de Vasconcelos.

Sobral de Campos.

Dicionario subversivo

C

(Continuação)

CAPITAL—Se esta palavra é derivada de *caput*, *capitis*, cabeça, e designa uma entidade superior para criar e produzir, porque se chama assim ao dinheiro e não ao trabalho?

CAPITAL, SABRE E PADRE—Trindade reaccionária, destruidora do equilibrio e da harmonia na sociedade.

CARGAS—Forma «paternal» por que os governos manifestam o seu desagrado ao povo tumultuoso.

CARIDADE—Virtude cristã que, segundo um escritor, caminha na sombra da injustiça, sua irmã mais velha.

CASAMENTO—Como dizia o outro, é uma asneira tão grande que uma pessoa só não pode fazê-la,—assim escreveu o sr. Brito Camacho em opposição a Rivarol ou lá quem foi que ciciou: é a perfeita comunhão de dois amores. Ao tempo, já Beldemonio lhe havia notado a facha de instituição desacreditada, podendo definir-se assim: associação determinada pelo capricho e destinada a ser rescindida pelo tedio.

(Continua).

Nn.

Se não tivéssemos defeitos, não teríamos tanto prazer em notar os defeitos dos outros.

La Rochefoucauld.